

Natureza imperfeita

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista



Ninguém avisou aos dinossauros que um enorme meteoro cairia do espaço e modificaria o clima na Terra de maneira implacável e quase definitiva. Desde o momento zero de sua inexplicável existência, a vida no planeta ocorre entre espasmos de crescimento e encolhimento, entre grandes acontecimentos climáticos que matam milhares, sejam terremotos, maremotos, tufões, sejam tempestades violentas, vulcões ou chuvas torrenciais. A natureza é imperfeita. Ela está em permanente movimento para se aperfeiçoar. O homem sofre e se obriga a conviver com os riscos. Viver é muito perigoso.

Esse movimento de sístoles e diástoles caracteriza a vida humana em qualquer quadrante do planeta. Terremotos assolam países no Oceano Pacífico, sem avisar. Matam milhares ano após ano. Para quem está distante da área de conflito, o acontecimento é apenas uma notícia de jornal. Na prática, significa a destruição de milhares de famílias e mortes em quantidades industriais. Os brasileiros que se vangloriavam de viver num país sem crises ambientais ou climáticas mudaram de opinião. Em todo janeiro morre muita gente, consequência das enchentes causadas pelas tempestades tropicais que derrubam morros e infelicitam cidades inteiras.

Nos países do Caribe, é no segundo semestre que o desastre aparece. Ocorrem os violentos tufões que varrem todo o Mar do Caribe, chegam a Miami e, às vezes, até as Carolinas, na costa leste dos Estados Unidos. O furacão Katrina destruiu New Orleans. A tragédia do Rio Grande do Sul aconteceu de um dia para outro. Não houve tempo para avisar, nem prevenir. Subitamente, tudo o que foi acumulado durante uma vida se perdeu. Não raro, a própria vida. Agora, entra em cena, o frio. O inverno está começando. É catástrofe sobre catástrofe.

Um exemplo a ser lembrado é o de Lisboa, em 1º de novembro de 1755, Dia de Todos os Santos, uma das mais importantes datas do calendário religioso português. Às 9h40, a cidade tremeu por inteira. Enquanto a terra sacudia violentamente, um barulho subterrâneo se transformou em sonoridade terrificante. No primeiro momento houve surpresa, depois pavor, porque o chão continuava a vibrar com o som pavoroso que não se interrompia. As pessoas correram para as igrejas em busca de clemência. Não sobram rotas de fuga. E o número de mortos no interior das igrejas terminou sendo o mais elevado.

Minutos após o primeiro choque, ocorreu outro tremor ainda mais forte, que sacudiu a cidade. Grandes palácios, ricas igrejas, museus, bibliotecas, teatros caíram por toda parte. O terreno partiu-se em várias fendas e gretas, longas e profundas apareceram no centro da cidade. Quinze minutos depois, surgiu o terceiro tremor, menor que os dois anteriores, porém mais longo. Após os três grandes choques ocorreram várias réplicas. Do chão espirrava areia e água em quantidade que assombrava as pessoas.

Foi nesse caos que emergiu a figura de Sebastião José de Carvalho e Mello, o Marquês de Pombal, responsável por restabelecer a ordem pública. Ele criou o primeiro gabinete de crise de que se tem notícia. E desenvolveu o lema: "Enterrar os mortos e alimentar os vivos". Nos primeiros dias, o ministro viveu em sua carruagem e fez dela seu escritório. Escrevia bilhetes apoiados na sua perna.

Dava ordens, recebia pessoas, caminhava pelos escombros e procurava renovar a confiança da população. Ele organizou os voluntários para fornecer todo tipo de alimentação. E controlou preços.

Patrulhas militares levavam ordens para enfocar saqueadores e incendiários, após julgamentos sumários. Duzentos corpos, em pouco tempo, balançavam nas colinas. O cheiro deles atraía pássaros e moscas, mas protegia a população das piores tentações humanas. Ele criou um cordão de controle em volta da cidade para impedir a fuga de homens aptos a trabalhar. É longa a relação de iniciativas do Marquês, que terminou seus dias como Conde de Oeiras. Lisboa foi reconstruída, o Marquês sobreviveu à terrível provação, governou com seriedade, expulsou os jesuítas do Brasil,

brigou com os ingleses e terminou seus dias aos 83 anos, isolado pelos seus adversários.

A tragédia do Rio Grande do Sul precisa revelar o talento para comandar o povo em momento de grande angústia e necessidade. A população é generosa. As longas filas no Aeroporto de Brasília de pessoas interessadas em fazer doação de gêneros é a fotografia da bonomia brasileira. Os surfistas trouxeram seus jet skis para ajudar no resgate de pessoas. Bombeiros e policiais de todo o país correram para o Sul. A Marinha deslucou quase todo seu efetivo. Os gaúchos não foram abandonados. Falta apenas aparecer o líder para consolidar os esforços e assumir a resultante de tanto trabalho para reorganizar a vida diante da bagunça proporcionada pelas forças da natureza.

A economia brasileira está em pleno emprego?

» JOSÉ LUIS OREIRO

Professor do Departamento de Economia da Universidade de Brasília

A taxa de desocupação da força de trabalho no Brasil vem se reduzindo de forma gradativa desde maio de 2021, quando atingiu o patamar de 14,61% na média móvel de 12 meses. Em maio de 2022, esse número se reduziu para 11,45%, e continuou seu processo de queda, alcançando 8,49% em maio de 2023. Os dados mais recentes disponíveis mostram que a média móvel da taxa de desocupação alcançou 7,75% da força de trabalho em março de 2024, o menor valor desde janeiro de 2019, mês no qual a média móvel em 12 meses da taxa de desocupação era de 12,35%.

Essa redução de quase cinco pontos percentuais (p.p) da taxa de desocupação no período 2019-2024 tem levado alguns economistas a afirmarem que a economia brasileira estaria operando com pleno-emprego, de maneira que seria desnecessário, e talvez contraproducente, continuar o processo de redução da taxa básica de juros sob o risco de produzir uma aceleração inflacionária no futuro próximo. Essa análise se baseia na assim curva de Phillips expandida pelas expectativas, segundo a qual uma taxa de desemprego inferior à taxa de equilíbrio provocará um processo de desancoragem das expectativas de inflação, devido ao sobreaquecimento do mercado de trabalho, o que irá resultar numa elevação da taxa de inflação.

Mas no que consiste essa taxa de desemprego de equilíbrio? Esse é um conceito muito caro à teoria econômica convencional, mas envolve um raciocínio em círculos. A taxa de desemprego de equilíbrio é a taxa de desemprego para a qual a inflação permanece constante ao longo do tempo.

Como se trata de uma variável não diretamente observável, pode-se fazer estimativas estatísticas dela, mas com resultados bastante díspares a depender do modelo estatístico empregado. Dada a incapacidade de se determinar diretamente o valor da taxa de desemprego de equilíbrio, na prática os formuladores de política econômica adotam um procedimento indireto: a economia terá alcançado seu desemprego de equilíbrio quando a inflação não apresentar tendência de alteração no médio prazo. Daqui se segue que qualquer taxa de desemprego para a qual a inflação permaneça estável por um período suficientemente longo de tempo será a taxa de desemprego de equilíbrio (!). Trata-se, portanto, de um conceito irrefutável e, como tal, metafísico.

Uma das mais graves deficiências de formação dos economistas convencionais é ignorar o fato de que a validade dos modelos econômicos depende do contexto para o qual foram construídos. A curva de Phillips foi desenvolvida originalmente em 1958 como uma análise empírica a respeito da relação entre a inflação salarial e o desemprego na economia do Reino Unido. A economia britânica era, e ainda é, uma economia madura, onde toda a mão de obra era transferida dos setores tradicionais ou de subsistência para os setores modernos ou capitalistas. Economias maduras se caracterizam pela homogeneidade estrutural, ou seja, pela inexistência de diferenciais de produtividade significativos entre os setores de atividade econômica. Nesse tipo de economia, quando um trabalhador é demitido, ele se torna efetivamente um desempregado, cuja sobrevivência irá depender

da generosidade do sistema de seguro-desemprego e das suas próprias economias durante o período em que estiver buscando uma nova colocação no mercado de trabalho.

A economia brasileira está muito longe de ser considerada uma economia madura. Com efeito, uma parcela significativa da força de trabalho no Brasil está ocupada em empregos informais, ou é classificada como "autoempregada". No primeiro trimestre de 2022, por exemplo, 26,47% da força de trabalho estava empregada no setor informal da economia, ao passo que 12,92% eram autoempregados, somando um total de 39,39% da força de trabalho. Quando olhamos os dados de emprego de acordo com a intensidade tecnológica do setor de atividade econômica (baixa, média-baixa, média, média-alta e alta) observamos que para o ano de 2022 exatos 39,30% da força de trabalho ocupada estava desempenhando suas atividades em setores de baixa e média-baixa intensidade tecnológica.

Em outras palavras, o emprego informal e o autoemprego no Brasil são essencialmente ocupações de baixa produtividade e baixos salários, consistindo, portanto, em desemprego disfarçado na concepção desenvolvida pela economista Britânica Joan Robinson em 1937.

Quando levamos em conta o enorme desemprego disfarçado no Brasil, percebemos que existe ainda muito espaço para o crescimento econômico por intermédio da transferência de trabalhadores dos setores de baixa produtividade para os setores de média e alta produtividade. Mas, para tanto, o Banco Central precisa acelerar o passo da redução da taxa de juros.

A verdade, o tempo e a história

» MARIA ESTELA KUBITSCHK LOPES
Arquiteta e filha do ex-presidente JK

Ser filha de um grande brasileiro – de um tempo com exuberâncias, realizações e intempéries – sempre me trouxe um misto de contentamento, apreensão e um justo orgulho. O ex-presidente Juscelino Kubitschek, meu pai, teve a coragem exuberante e a determinação poética de construir Brasília, a nossa capital no Planalto Central. Um sonho que acompanhou nosso debate político ainda no século 18 e que se estabeleceu na República.

Hoje sabemos que a proposta de edificar uma nova capital no interior do Brasil existia na Corte portuguesa, com Marquês de Pombal. E, no século 18, pelos Inconfidentes. O patriarca José Bonifácio de Andrada e Silva também trouxe o tema para a Constituinte de 1823. Mas a ideia tomaria forma e decisão política na Constituição republicana de 1891. Portanto, construir Brasília não surgiu com Juscelino. Tanto quanto um sonho constitucional era também um sonho geopolítico de nação.

A Constituição de 1934, no artigo quarto das Disposições Transitórias, deixou claro: "Será transferida a Capital da União para um ponto central do Brasil". O mesmo sonho foi registrado com destaque pela Constituição de 1946, justamente pelo deputado federal e constituinte, Juscelino Kubitschek, que alertou os constituintes para a manutenção deste artigo.

Um sonho que meu pai soube acalantar, carregar no brilho dos seus olhos, na consistência dos seus gestos e no pulsar do seu coração, que existe pelo Brasil. Sim, e no seu sorriso cativante que chegava aos brasileiros como uma suave sinfonia de convocação. Não raro, sempre que vou ao Memorial JK, visita que não descarto de fazer todas as vezes que vou a Brasília, essas lembranças e sentimentos difusos acolhem e acalmam a minha alma. Ao mesmo tempo, no silêncio íntimo, a bênção de ser sua filha, percebo que JK foi e continua sendo amado pela grande maioria dos seus compatriotas. O seu lugar na história é exemplar e intocável.

Na semana passada, fui surpreendida por uma manifestação do meu amigo querido e excelente jornalista Silvestre Gorgulho. "O que a Câmara Legislativa está fazendo é ofender a história, a memória do DF e do Brasil", denunciou o ex-secretário de Estado de Cultura do Distrito Federal na coluna do *Correio Braziliense*, assinada por Ana Maria Campos.

Naquele momento, Silvestre Gorgulho, com sua admirável coragem e zelo pela história da nossa cidade, se insurgiu contra a anunciada Sessão Solene que pretendia celebrar os supostos 60 anos do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHG-DF), quando, na verdade, deveríamos celebrar os 64 anos de sua criação.

O IHG-DF, como consta no *Diário Oficial*, foi criado por JK em 8 de dezembro de 1960 — Dia do Culto à Justiça. Naquela tarde, um grupo de notáveis reuniu-se no Brasília Palace Hotel, para dar início à organização formal desse espaço clássico da nossa Memória.

Em 1962, numa reunião similar, seu primeiro presidente era eleito: o ex-ministro do Trabalho, Júlio Barata. Assinaram a Ata, nomes como Israel Pinheiro, Paulo Tarso Santos, Tancredo Neves, Oswaldo Aranha, Lucio Costa, Cassiano Ricardo, Gilberto Freire, o escritor francês André Malraux, entre outros.

O rompimento institucional em 1964, a destituição de João Goulart, as perseguições a JK, sua posterior cassação e exílio, são fatos por demais conhecidos e objetos de justo esclarecimento, reflexão e análise da nossa academia e estudiosos.

O que nos surpreende é que o resgate da verdade e da história não tenha sido feito na sua devida dimensão. É possível que a primeira ofensa à nossa cidade e a JK, então patrocinada por alguns, tenha sido a "criação" de um instituto em 3 de junho de 1964, dois meses apenas após a destituição do ex-presidente João Goulart.

Sabemos que nos anos tensos que se seguiram, brasileiros e brasilienses honrados e dignos, presidiram e ingressaram como membros do nosso IHG-DF. Ninguém representa melhor a tentativa permanente desse resgate do que o saudoso coronel Affonso Heliodoro, amigo e aliado incondicional de JK, e que dirigiu por um longo período o Instituto. Entretanto, se nos dias de hoje, dentro de uma instituição tão nobre como a Câmara Legislativa, alguém tentou mudar essa data e a História, é porque algo permanece errado.

Sei muito bem que um amigo, o escritor Paulo Castelo Branco, autor do livro *A morte de JK* (1997), que preside hoje o IHG-DF, está fazendo jus à sua alma de intelectual e honradez para resgatar a História e restabelecer a verdade.

Outra verdade que poucos sabem. Quando houve a tentativa de golpe, em 11 de novembro de 1955, para impedir a posse de JK, a obstinação de meu pai por Brasília era tanta que ele deixou redigido um decreto da criação de Brasília, pensando "podem me derrubar, mas pelo menos cumpri minha palavra".